

# O TIPO DE MODALIDADE DE DISCURSO EM UMA LISTA DE DISCUSSÕES DE BRASILEIROS NA INTERNET

ANA MARIA DE MORAES SARMENTO VELLASCO

## Abstract

This work is the result of an ethnographic research within the framework of Interactional Sociolinguistics. It was carried out by computer-mediation on the Internet. The main purpose is to demonstrate the modality of discourse in a mailing-list, through the empirical analysis of interactions between internauts of a 'virtual community', which I called *Arial-net* – from where I extracted original texts in which proverbs and other Brazilian popular expressions had been cited by them. In order for the sample to be significant, only native Brazilians, children of native Brazilians, born in the five regions of the country, were involved in the study, irrespective of gender, age, educational level or socioeconomic status.

## 1. Introdução

No mundo, há um novo modo de interagir consolidado, proporcionado pela Internet: as interações mediadas pelo computador. O objetivo deste trabalho é demonstrar qual a modalidade de discurso em uma lista de discussões da Internet, a que denominei, ficticiamente, *Arial-net*, por meio de uma análise preliminar de situações interacionais mediadas pelo computador, estabelecidas entre internautas<sup>1</sup> brasileiros, filhos de brasileiros, em recortes nos quais se faz uso de provérbios e outras expressões populares brasileiras.

## 2. Pressupostos teórico-metodológicos

Os pressupostos teórico-metodológicos deste trabalho fundamentam-se no instrumental da sociolingüística interacional (Gumperz, 1982;

---

<sup>1</sup> Usuários da Internet.

Figueroa, 1994; Schiffrin, 1994), que apresenta uma combinação de racionalidade com convencionalidade, está pautada na intenção do falante e no processo racional de inferência, e adota construtos das seguintes teorias:

1. teoria dos atos de fala (Austin, 1962-1990; Searle, 1969-1981), que considera a linguagem como uma forma de ação – todo dizer é um fazer – e passou a refletir sobre os diversos tipos de ações humanas que se realizam por meio da linguagem;
2. etnografia da comunicação (Hymes, 1961, 1966, 1971, 1974, 1977; Gumperz & Hymes, 1964, 1972; Saville-Troike, 1982; Bortoni, 1991; Bortoni-Ricardo, 1998a) – cujo pressuposto teórico básico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de produzir-se e de interpretar-se enunciados apropriados às múltiplas situações, em uma dada cultura, e que é reflexo das preocupações de filósofos, lógicos e antropólogos sobre a língua, segundo as quais falar não é transmitir um conteúdo lingüístico, mas mostrar que se tem o direito de fazê-lo a partir de certas condições conversacionais – , que se utiliza da metodologia de pesquisa etnográfica (Hammersley & Atkinson, 1983; Erickson, 1990);
1. pragmática (Grice, 1975; Leech, 1983; Levinson, 1983, 1992), que estuda os princípios da linguagem em situações de uso, a linguagem em ação, ou seja, os atos lingüísticos e os contextos nos quais estes atos são usados e o sentido que é construído pelo falante, preocupando-se em reconstruir e perceber o sentido dos vários níveis da fala;
3. interacionismo sociológico (Goffman, 1972a, 1972b, 1974, 1976a, 1976b, 1985), que, em uma dimensão psicossociológica, estuda as interações da vida cotidiana como rituais de cenas, por meio das quais se constroem e se mantêm as identidades de cada um, em consonância com princípios universais de polidez (Brown & Levinson, 1978), para a preservação das faces. Segundo Goffman (1972a), *linha* é o conjunto dos nossos atos verbais e não-verbais padrões, por meio dos quais expressamos a nossa visão de mundo, das pessoas e de nós mesmos. Por meio deste conjunto de atos, passamos um perfil aos outros. De acordo com esta imagem ou

perfil que captaram de nós, os nossos interlocutores agirão para conosco de determinado modo, considerando a impressão que formaram a nosso respeito. Goffman vincula *linha* ao conceito de *face*. A *face* refere-se à imagem interiorizada que temos de nós mesmos e que desejamos que seja aprovada socialmente. É a imagem que externamos e que as outras pessoas podem compartilhar. É o conjunto de necessidades que temos, de obter aprovação dos nossos atos pelos nossos interlocutores e de não sermos impedidos por eles para realizarmos as nossas ações e objetivos. A *face* é, pois, a imagem pública que cada pessoa quer angariar, afirmar para si mesma, e que está diretamente vinculada aos valores estabelecidos por uma determinada sociedade. O trabalho de preservação da(s) face(s) é a preservação da face interna ou negativa (a preservação do território íntimo da pessoa e da liberdade contra a imposição) e da face externa ou positiva (auto-imagem positiva ou personalidade reivindicada pelos interagentes);

4. análise da conversação (Drew & Heritage, 1992; Marcuschi, 1986, 1994a, 1994b, 1995; Koch, 1990; 1993, 1995; Figueroa, 1994), que estuda as relações (verbais<sup>2</sup> e não-verbais<sup>3</sup>) entre os sujeitos interactantes (ou interagentes) – de vez que os interagentes se comunicam por suas emissões verbais, por seus silêncios, mímicas, postura, pelo seu modo de tomar alternativamente a palavra – e a organização textual das interações.

A questão da oralidade *versus* escrita está pautada nos estudos desenvolvidos por Ochs (1979), Chafe (1979, 1994), Brown (1981), Ong (1987), Kato (1987), Tannen (1982, 1988); Halliday & Hasan (1989), Koch & Jubran & Urbano & Fávero & Marcuschi & Santos & Risso (1990); Olson & Torrance (1991); Marcuschi (1994, 1995), Vellasco (1996a, 1996b) e Bortoni-Ricardo (1998b).

---

<sup>2</sup> Usos prosódicos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e retóricos.

<sup>3</sup> Usos cinésicos.

Ressalvo que a dimensão discursiva de língua, por mim adotada, compreende um conjunto de traços de origem ideológica, socioantropológica e cultural, funcionalista e interacional – ausentes em uma concepção de língua como sistema imanente e autônomo. Assim sendo, a língua transforma-se em um símbolo de identidade cultural de um povo: torna-se idioma, compartilha um conjunto de crenças e de valores que se traduzem em uma visão do mundo idiossincrática e única. Este olhar sobre o mundo, à minha percepção, reveste-se de valores éticos, estéticos, sociais, econômicos e ideológicos, que se expressam no léxico, tanto por meio de criações neológicas como do uso de expressões populares cristalizadas ou não na língua, tais como provérbios, pseudoprovérbios, retomadas, anexins, frases proverbiais, frases feitas, superstições, pragas, e assim por diante. Neste sentido, o léxico de uma língua reflete a tensão dialética entre a tradição e a mudança.

## **2.1 A pesquisa etnográfica**

A etnografia é um método de pesquisa desenvolvido por antropólogos, também chamado de pesquisa interpretativa, e as suas origens remontam ao século XIX. Naquela época, os antropólogos interessavam-se em organizar relatórios detalhados sobre comunidades desconhecidas e denominaram-nos etnografia. Desde então, o termo etnografia passou a designar narrativas de cunho científico, que procuram explicar o modo de vida de comunidades estudadas (ver Erickson, 1990).

O objetivo primário da pesquisa etnográfica é a descrição de culturas. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador envolve-se com a comunidade, por meio da observação participante, com a postura ética de quem nada conhece a respeito do mundo no qual imergirá, passando, paulatinamente, a uma postura êmica, em um processo de integração àquele universo particular (ver Hammersley & Atkinson, 1983).

De acordo com Pike (citado em Kindell, 1981: 9-10), o comportamento humano, de que a linguagem faz parte, é estruturado e convém estudá-lo de dois pontos de vista diferentes: o ético e o êmico. O ponto de vista ético é a visão de alguém que, alheio ao comportamento de um determinado sistema social, o observa, do lado de fora, como um sistema divergente do seu. O

ponto de vista êmico, pelo contrário, resulta da visão de alguém que conhece o comportamento do sistema e está familiarizado com ele.

De certo modo, a visão ética é transcultural, enquanto a visão êmica é específica de uma determinada cultura ou língua. Em uma situação transcultural, por um lado, o estrangeiro reage do ponto de vista ético; por outro lado, o nativo reage normalmente, sem refletir, como membro da cultura, do ponto de vista êmico. No aspecto ético, toda variação é significante; no êmico, a variação é permitida até um determinado limite. Este ponto de vista é exemplificado, considerando-se um pesquisador de campo que, pela primeira vez, assiste a uma festa indígena, sem conhecer o valor ou a finalidade da festa. O pesquisador observa a situação do ponto de vista ético e descreve as atividades distintas de várias pessoas, participantes ou não da festa. Este pesquisador não pode distinguir, com certeza, entre as atividades que fazem parte da cerimônia e aquelas que são irrelevantes. Um membro da comunidade indígena, porém, sabe quais são as partes relevantes e integra e interpreta cada atividade como partes êmicas da festa (ver Kindell, 1981).

A aquisição da visão êmica pelo pesquisador é fundamental no trabalho etnográfico, com o objetivo de garantir uma abordagem verdadeiramente interpretativa, por meio da qual a cultura estudada possa ser descrita e compreendida nos parâmetros do que é significativo.

Uma chave para os pesquisadores é aprender o que os membros de uma cultura sabem sobre como fazer sentido fora da experiência e como eles comunicam estas interpretações (ver Schiffrin, 1994).

A metodologia da pesquisa etnográfica proporciona a intimidade e a participação necessárias para a compreensão das ações dos envolvidos plenas de significado. A observação participante permite-nos aprender a cultura ou subcultura dos sujeitos que são estudados, levando-nos a interpretar o mundo da mesma forma como eles o fazem.

Uma técnica de pesquisa não é um método de pesquisa. O que faz com que uma pesquisa seja interpretativa é o enfoque e a intenção e não o procedimento utilizado na coleta de dados. Ao referir-se à pesquisa de campo, Erickson (1990) faz-nos atinar com que ela envolve: participação intensa em situação de campo, registro cuidadoso do que está acontecendo e reflexão analítica dos registros.

Para Erickson (1990), a pesquisa interpretativa requer uma atitude meticulosa e reflexiva, não apenas na descrição dos eventos como na tentativa de identificar o significado das ações dos acontecimentos, do ponto de vista dos próprios interagentes, em razão de:

1. a invisibilidade do dia-a-dia: é necessário estranhar o óbvio. As questões que se impõem são: O que está acontecendo aqui? O que está acontecendo especificamente na ação social que acontece neste contexto particular? O antropólogo Clyde Kluckhohn (consoante Erickson 1990: 83) ilustrou este ponto com o seguinte aforismo: “O peixe é a última criatura a descobrir a água.”;
2. a necessidade de uma compreensão específica de detalhes concretos da prática, por meio de documentação (registros). A questão que se impõe é: *O que estas ações significam para os interagentes, no momento em que elas acontecem?*;
3. a necessidade de se considerar os significados locais que os acontecimentos possuem, para as pessoas neles envolvidas. Quando uma pergunta de pesquisa pondera a distinção do significado local que os interagentes possuem uns para os outros, em uma determinada cena, a pesquisa de campo é um método apropriado. As questões que se impõem são: Como estão organizados os padrões de organização social e como são aprendidos os princípios culturais para a conduta da vida cotidiana? Em outras palavras: *Como reagem as pessoas umas às outras e o que significam estes acontecimentos para os interagentes?*;
4. a necessidade de compreender e comparar diferentes contextos sociais. A questão que se impõe é: *Que significado possui o que está acontecendo no contexto como um todo?*, para explicar a relação com os acontecimentos de outros níveis do sistema, dentro e fora do contexto;
5. a necessidade de compreender e comparar o que existe além das circunstâncias imediatas do contexto local. A questão que se impõe é: *Como está organizado este contexto de vida cotidiana comparado a outros conjuntos de contextos de vida social organizada, de outros lugares e em outros tempos?*

Não obstante a vivência do pesquisador no meio social pesquisado, a influência da sua presença sobre os sujeitos observados é um fato constatado. Logo, as reações dos sujeitos em observação devem transformar-se em dados a mais da pesquisa. A solução para esta influência consiste no reconhecimento do caráter reflexivo da pesquisa social, isto é, no reconhecimento de que o pesquisador faz parte do mundo social que estuda (ver Hammersley & Atkinson, 1983).

A metodologia da pesquisa etnográfica é flexível, viabilizando alterações no direcionamento do trabalho, ao longo do processo, caso sejam necessárias reformulações nos pressupostos e afirmações. A utilização de fontes variadas permite ao pesquisador comparar os diversos tipos de dados, registrados em anotações e fitas de áudio e vídeo. Deve-se considerar, também, que o desenvolvimento do trabalho etnográfico prevê a triangulação. Os dados da interação focalizada devem ser conferidos durante o trabalho de campo, diante dos sujeitos da pesquisa.

Interessando-se mais pelo processo do que pelo produto, a etnografia tem-se mostrado um método de pesquisa eficaz em várias áreas, especialmente no que concerne à lingüística.

## 2. 2 A Análise da conversação

A análise da conversação (doravante AC) tem a sua base na etnometodologia norte-americana, cujos construtos mais importantes foram articulados pelo sociólogo Harold Garfinkel. A base da etnometodologia está na filosofia, na perspectiva da fenomenologia, movimento que se desenvolveu no âmbito da sociologia norte-americana, no início da década de 70, e que tem em Alfred Schutz o seu precursor (ver Levinson, 1983). A abordagem da etnometodologia propõe substituir as técnicas predominantemente dedutivas e quantitativas das pesquisas sociológicas, com ênfase em questões de estrutura social, pelo estudo dos métodos usados pelas próprias pessoas – denominadas *étnicas* –, quando em interação social e, portanto, sociolingüística. A ênfase da etnometodologia reside em como os indivíduos experimentam, sentem e relatam as suas interações. Os dados para a análise etnometodológica consistem na gravação de conversas espontâneas e na sua posterior transcrição.

Discípulos de Garfinkel, Harvey Sacks, Emmanuel Schegloff e Gail Jefferson aplicaram estes construtos à conversação. A AC difere de outros ramos da sociologia, porque, além de analisar a ordem social, tem como objetivo descobrir os métodos pelos quais os membros de uma sociedade produzem o sentido de ordem social, isto é, produzem muitas das especificações implícitas nas noções de papel social. A conversação também possui a sua própria ordem e manifesta o seu próprio sentido de estrutura (ver Schiffrin, 1994).

A AC é o estudo etnometodológico da conversação. É uma análise empírica baseada na experiência, com o objetivo de determinar as características recorrentes, como a estrutura, a coerência, etc., em várias situações de conversação – entendendo-se por conversação o uso da linguagem em situação cotidiana de interação independentemente quer de uma eventual formalidade na linguagem oral, quer da linguagem escrita (ver Levinson, 1983).

A AC tem por princípio trabalhar com dados reais, analisados no seu contexto natural de ocorrência. O seu conceito fundamental é, portanto, o de interação – o que lhe dá caráter globalizante e dinâmico. Para os analistas da conversação, a realidade social é constantemente fabricada pelos interagentes ou interactantes nas interações (ver Koch, 1995). Representa um esforço consistente no sentido de desenvolver uma análise empírica do contexto. Portanto, a AC enfoca as ações específicas que ocorrem em um determinado contexto – a organização social a elas subjacente e os meios alternativos por meio dos quais as ações e atividades são realizadas (ver Shegloff, citado em Drew & Heritage, 1992).

Sacks, Schegloff e Jefferson, os primeiros analistas da conversação, preocuparam-se basicamente em estudar a estrutura da conversação nos termos das atividades sociais dos interlocutores, quais sejam: repartição e tomada de turnos; início e encerramento de uma conversação, e ações que exigem reação imediata do interlocutor, como: pergunta-resposta, solicitação-aceitação ou convite-aceitação ou recusa, etc. (ver Koch, 1995).

Concomitantemente, procurou-se explicar os processos de constituição e negociação do sentido da conversação e, em decorrência, condutas sociais como os processos de figuração ou de preservação da face (ver Brown & Levinson, 1978; Vellasco, 1996b).

Posteriormente, sobretudo na Alemanha, passou-se a um estudo mais lingüístico do texto falado, em termos da sua organização e dos sinais de articulação, dos marcadores conversacionais, etc. (ver Koch, 1995).

### 2.2.1 A organização da conversação

Quando há uma interação, uma conversa, conversa-se sobre um ou vários assuntos. Temas conversacionais são denominados tópicos. Tópico é, pois, aquilo sobre o que se conversa.

A conversação estrutura-se em turnos, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação. Quando o interlocutor tenta tomar o turno fora do momento adequado, em um *assalto ao turno*, ocorre geralmente uma sobreposição de vozes: os interagentes falam simultaneamente até que um ceda e o outro tome posse do turno (ver Koch, 1995).

Existem *interações simétricas*, como as conversas do dia-a-dia, em que todos os participantes possuem direito igual ao uso da palavra, e *interações assimétricas*, como entrevistas, consultas médicas, inquéritos e palestras, em que um dos parceiros detém o poder da palavra e a distribui a seu critério. Todavia, mesmo nas interações simétricas, não é possível tomar a palavra a qualquer momento, considerando-se a regra *fala um de cada vez*. Os interlocutores podem assumir o turno nos espaços de transição, que se caracterizam por determinadas marcas, como o silêncio, ou pausas mais longas do detentor do turno, entonação característica, gestos, olhar e sinais de entrega do turno, por meio de perguntas que exigem resposta do interlocutor, como: De acordo?, O que você acha?, Correto?, e assim por diante.

Drew & Heritage (1992) promoveram estudos acerca de interações sociais e do uso da língua em contextos institucionais. Estas interações voltam-se para a realização de uma tarefa e envolvem representantes de organização formal e leigos. O termo *institucional* refere-se às interações em que, tanto os que detêm a competência profissional, como os leigos, possuem objetivos comuns em atividades cotidianas.

As interações institucionais podem ocorrer face-a-face, pelo telefone ou outro meio, em ambientes como hospitais, tribunais, estabelecimentos

educacionais, etc. A institucionalidade da interação não é determinada pelo ambiente, mas pelo tipo de interação e pelo tópico. Portanto, mesmo uma residência familiar pode transformar-se em ambiente institucional.

A assimetria é típica das interações institucionais. Os interagentes possuem papéis estruturados e institucionalizados, de modo sistemático quanto às restrições nos direitos de participação na interação; de conhecimento; acesso diferenciado a recursos conversacionais; rotinas organizacionais e procedimentos, que apresentam ao menos um dos representantes do processo interacional como representante legítimo de uma organização formal, isto é, o que detém a competência profissional *versus* o leigo, caracterizando pois uma relação assimétrica, típica das interações institucionais. Estas relações estruturam-se em *pares adjacentes*, do tipo pergunta-resposta, no qual o primeiro determina a natureza do segundo.

Os *pares adjacentes* constituem a unidade dialógica mínima. Trata-se da unidade fundamental da organização conversacional. Um *par adjacente* é uma seqüência de dois turnos, que concorrem para a organização local da conversação. É a expressão usada para indicar uma única seqüência de estímulo-resposta pelos interagentes. Os pares adjacentes são analisados em termos do seu papel em iniciar, manter e fechar uma conversação. O *par adjacente* ultrapassa o nível do enunciado, inserindo-se no nível do discurso e, por isto, requer referências para assinalar as estratégias ou planos usados pelos participantes, de acordo com os seus objetivos e com a natureza da atividade em questão (ver Levinson, 1992).

São cinco as dimensões da conduta interacional que constituem pontos importantes da pesquisa em conversas institucionais, propostas por Drew & Heritage (1992):

1. a escolha lexical, que se refere a como os falantes selecionam termos descritivos, que refletem o seu papel em um contexto institucional;
2. o alinhamento de turno (*turn design*), que implica a seleção de uma ação ou atividade na qual o turno irá desenvolver-se e, ainda, a seleção do formato verbal, que são os detalhes da construção verbal por meio do que a atividade do turno é realizada;

3. a organização de seqüência, que são as análises de interação institucional que relacionam a conversa ao seu contexto institucional, citando trechos da interação em ordem para exibir traços de ação e relações sociais que são característicos de um cenário particular;
4. a organização geral da estrutura, normalmente organizada em um determinado formato ou em uma determinada seqüência de frases padronizadas;
5. a epistemologia social e as relações sociais, relacionadas ao saber como conduzir a conversa para assegurar um determinado papel social.

### **2.3 A fala, a escrita e o contexto**

Não existe uma nítida demarcação entre fala e escrita (ver Ochs, 1979). As estratégias comunicativas de cada estágio de desenvolvimento da linguagem não são substituídas, mas retidas, para serem utilizadas mediante certas condições comunicativas. Assim sendo, o comportamento de fala do adulto mantém muitas das características da linguagem infantil, quando a comunicação é espontânea e relativamente imprevisível. Ao contrário, quando a comunicação exige maior grau de planejamento, característica essencial da escrita, os adultos fazem maior uso de estruturas comunicativas mais complexas e desenvolvidas posteriormente.

O código do adulto representa um modelo para o desenvolvimento da linguagem infantil. Por meio de uma série de estratégias, a criança adquire competência na língua da comunidade de fala a que pertence. Ao longo dos estágios, os enunciados aumentam em extensão e em complexidade sintática.

O estudo desenvolvido por Ochs (1979) é baseado no comportamento de fala dos adultos de classe média norte-americana e diz respeito aos graus de planejamento do discurso em diferentes tipos de situações comunicativas: criança-criança, criança-adulto e adulto-adulto. A autora evidencia três características do discurso infantil:

1. Entidades e objetos citados anteriormente em um enunciado podem ser usados posteriormente como argumentos de um ou mais predicados. Os argumentos e predicados são ligados no discurso mais por princípios pragmáticos do que por princípios sintáticos.
2. Repetição: (i) do locutor, e (ii) do interlocutor.
3. Uso de itens lexicais com características fonológicas similares em uma seqüência de enunciados adjacentes.

As características formais do texto falado e do texto escrito estão relacionadas com a questão do planejamento. O conceito de planejar envolve as idéias de premeditação (*forethought*), ou esquema (plano) e organização.

Os conceitos de discurso planejado e de discurso não-planejado caracterizam dois extremos, e as interações cotidianas não estão em um extremo, tampouco no outro, mas em um nível relativamente planejado. O falante pode planejar o seu discurso para referir-se a algo, para predicar algo, mas pode não planejar o modo adequado de veicular a informação para a situação conversacional corrente. Assim, o falante planeja o discurso quanto à dimensão referencial, mas não quanto à dimensão não-referencial. Ou, então, pode planejar o discurso dentro das normas sociais estabelecidas para uma determinada situação de fala ou contexto, mas falhar em explicar o conteúdo ao seu interlocutor.

São características do discurso não-planejado, em consonância com Ochs:

1. Apoio no contexto imediato para expressar proposições. Relações entre argumentos e predicados:
  - 1.1 omissão do referente: a criança freqüentemente não utiliza recursos sintáticos para articular a relação semântica de um argumento ao seu predicado. Serve-se de meios não-verbais e conta com o ouvinte para estabelecer nexos entre referente e predicado;
  - 1.2 referente e proposição: o referente não está omissivo, mas próximo. Um exemplo típico de referente + proposição é o deslocamento para

a esquerda (ou topicalização) em que a referência é dada pelo pronome co-referencial que ocorre na predicação. Exemplo: Thiana, ela estudou;

- 1.3 relações entre proposições: ao se apoiar no contexto, a relação semântica não se torna explícita. O emissor espera que o receptor use o seu conhecimento do mundo e as suas expectativas em relação à seqüência de fala para ligar as proposições. A sintaxe, por sua vez, presente em discursos mais planejados, torna o elo semântico explícito, constituindo uma alternativa em relação ao apoio contextual. O discurso planejado e o não-planejado diferem na utilização das duas alternativas.
2. Utilização de estruturas morfossintáticas adquiridas nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem:
  - 2.1 referência: preferência pelo uso de demonstrativos em lugar de artigos definidos; preferência por construções com determinante + nome em vez de construções com orações relativas;
  - 2.2 voz do verbo: a voz passiva (no português do Brasil e em inglês) é rara, tanto no discurso não-planejado como no planejado, sendo mais freqüente no planejado;
  - 2.3 tempo verbal: no desenvolvimento da linguagem, o uso do presente precede à utilização do futuro e do passado. No discurso não-planejado, em oposição à versão planejada, o falante freqüentemente faz uso do presente para relatar eventos passados.
3. Repetição: em discursos relativamente não-planejados os falantes tendem a repetir e a substituir itens lexicais:
4. Forma e conteúdo similares nos níveis fonológico, morfológico e sintático: estudos sobre o desenvolvimento da linguagem demonstram que há estágios de transição no padrão repetitivo da linguagem infantil. No estágio inicial, forma e conteúdo são mantidos (dá, dá; água, água). No estágio subsequente, a forma é mantida e o conteúdo muda (mamãe boba; papai bobo). Finalmente, no terceiro estágio, tanto a forma como o conteúdo mudam (Mamãe gosta de ir ao cinema. Papai prefere assistir ao futebol pela televisão.)

É lícito afirmar que as modalidades oral e escrita do português do Brasil são parcialmente isomórficas e parcialmente isofuncionais, pois ambas procedem à sua seleção no mesmo sistema gramatical. O que diferencia uma e outra modalidade são as diferentes condições de uso (ver Kato, 1987).

A escrita é menos dependente do contexto, permite um maior grau de planejamento, é mais sujeita a regras prescritivas e consubstancia-se em um produto permanente. Enquanto na escrita a coesão textual é conseguida por meios lexicais e de estruturas complexas, na fala é grande a ocorrência de anacolutos, de desvios, de repetições e de frases inacabadas. No Brasil, é marcante a não-ocorrência de determinados tempos verbais na fala, como o mais-que-perfeito e o futuro do presente, usadas em substituição a construções perifrásticas, como, por exemplo, “Taíssa vai viajar.”, em lugar de “Taíssa viajará.” (*tenha estudado* em lugar do mais-que-perfeito *estudara*)<sup>4</sup>.

Há diferentes abordagens para contexto, todas relevantes à produção e interpretação de enunciados. Enquanto a pragmática considera o contexto como conhecimento, a etnografia da comunicação e a sociolinguística tratam-no como conhecimento e situação, e a análise da conversação enfoca a relação reflexiva entre conhecimento, situação e texto (ver Schiffrin, 1994).

O contexto é fator determinante para o significado e a ação implicada em um determinado ato de fala, sendo um construto dinâmico, não determinado pelo espaço físico, mas pelo tópico abordado pelos interagentes e pela sua participação na interação (ver Gumperz, 1982). O conceito gumperziano de contexto é uma abordagem dinâmica, projeto e produto das ações dos falantes. Nesta perspectiva, os enunciados e as ações dos interagentes são moldados pelo contexto e vice-versa. O enunciado forma o contexto imediato para a ação seguinte, em uma seqüência. Este conceito de contexto não permite a sua concepção como algo exterior às ações dos participantes do processo interacional, como se ele preexistisse ao momento da interação. Contexto e identidade são inerentemente construídos e desenvolvidos, no ato da enunciação, passíveis de mudanças a qualquer momento. O uso linguístico tanto reflete como produz contextos.

---

<sup>4</sup> Neste sentido, nenhuma passiva ou estrutura verbo-temporal deste gênero foi encontrada no discurso dos membros da Lista de Discussões *Arial-net*.

O contexto como o momento da produção lingüística é o conjunto das características lingüísticas e não-lingüísticas que determinam a produção de um ato de fala – como a condição social dos interlocutores, os dados sobre a situação cultural comuns aos dois, o que foi dito anteriormente, etc. O contexto de ocorrência de um evento discursivo é, portanto, constituído pelos participantes da interação, pelos interagentes.

A noção de contexto envolve duas entidades justapostas: o evento em foco e o campo de ação em que se situa o evento. A relação entre duas ordens de fenômenos que se informam mutuamente para construir um todo maior é fundamental para a noção de contexto. Assim sendo, é precípua considerar a perspectiva dos interagentes na análise do contexto.

São os atos de fala (ver Austin, 1990; Searle, 1981; Vellasco, 1996b) realizados na interação que permitem estabelecer, retroativamente, o sentido do contexto, cuja existência é, concomitantemente, pressuposta: o contexto não é simplesmente dado, mas constituído pelos interlocutores, em parte, por meio dos seus atos de fala, que são ao mesmo tempo interpretados à luz desse contexto.

Nas pesquisas interacionais, o contexto é visto em duas dimensões: a configuração local imediata que precede uma atividade na qual um enunciado se realiza e, em um sentido mais amplo, o contexto da situação ou o contexto sociocultural no qual a atividade está inserida e onde se encaixa aquela configuração. A dependência contextual na escrita determina o grau de explicitação textual, daí o seu grau de autonomia. Pelo fato da escrita estar confinada a um espaço bidimensional, permite que se façam referências especiais do tipo: o exemplo acima, a argumentação que se segue (ver Koch, 1993).

O que determina o grau de formalidade, nas duas modalidades da língua, é o planejamento, que pode ir do menos tenso, ou espontâneo, ao mais tenso, ou formal. Cada modalidade apresenta variações internas determinadas pelo gênero, havendo maior tendência de tensão estilístico-gramatical para a modalidade escrita.

Usualmente, acredita-se que a fala e a escrita são modalidades invariáveis. De fato, isto não ocorre. No interior de cada uma delas há variações acarretadas pelas condições de produção e de uso da linguagem. As variá-

veis determinantes da forma de linguagem são: (i) as variáveis social e psicológica; (ii) o grau de letramento; (iii) o estágio de desenvolvimento lingüístico; (iv) o gênero; (v) o estilo ou registro, (vi) o grau de formalidade, (vii) o envolvimento entre os interlocutores.

As variáveis social e psicológica já foram objeto de estudos e pesquisas exaustivas da sociologia da linguagem e da sociolingüística.

O grau de letramento influencia a fala e a escrita. A palavra *letramento*, traduzida do inglês *literacy*, ainda não está dicionarizada. Letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa a interação oral, mas não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler e escrever. Letramento é o efeito da escrita na comunidade. O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários (ver Marcuschi, 1995).

Cumpre-me esclarecer que o conceito de letramento não se confunde com o de alfabetização, conforme explicitado em Olson & Torrance (1991). Enquanto a alfabetização se restringe à habilidade individual para ler e escrever, o letramento tem uma acepção mais ampla, compreendendo a natureza social necessária para participar de uma tradição letrada.

Não se pode analisar satisfatoriamente as relações entre oralidade e escrita sem atenção para os seus usos na vida cotidiana: na sociedade atual, tanto a oralidade como a escrita são imprescindíveis, tendo em consideração, consoante Marcuschi (1995: 6), que “somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas”. A oralidade é uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais, que vão desde o mais formal ao menos formal, nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária (Ong, 1987). O letramento, por sua vez, é o uso da escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas sabe o valor do dinheiro, sabe o ônibus que deve tomar, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas e sabe muitas outras coisas, mas não escreve cartas nem lê jornal, até o indivíduo que desenvolve tratados de filosofia e matemática.

Quanto à forma, como uma questão do gênero, as diferenças formais existentes estão mais em função do gênero e do estilo do que em função das modalidades oral e escrita (ver Tannen, 1982). Podemos encontrar estratégias de língua oral na prosa moderna, bem como estratégias de língua escrita na linguagem oral mais tensa.

Em consonância com Tannen (1982), há duas diferenças básicas entre as estratégias de linguagem oral e as de linguagem escrita:

1. a linguagem oral é altamente dependente do contexto, enquanto a escrita é descontextualizada;
2. a coesão na linguagem oral é estabelecida por meio de recursos paralingüísticos e supra-segmentais, enquanto na linguagem escrita é estabelecida por meio do léxico e de estruturas complexas que usam conectivos explícitos.

Estilo é uma variedade de língua que difere, em algum ou em todos os níveis (semântico, sintático, fonológico) de outra variedade da língua, distintas de acordo com o uso (ver Halliday & Hasan, 1989). Distinções de estilo dão-se na língua por diferenças em padrões sintáticos, lexicais e fonológicos.

Os fatores que se correlacionam para a distinção de estilo podem-se arranjar de forma intuitiva, como: (i) tópico ou tema do discurso; (ii) tipo de situação de discurso; (iii) papéis dos participantes no discurso; (iv) modalidade do discurso, (v) a forma de comunicação. Como estes cinco fatores relacionados mantêm uma relação causal com a variação de estilo, podem ser usados para prever características formais de uma dada variedade.

O estilo consubstancia o que na língua muda se mudam os fatores sociais. Neste sentido, são claras as implicações para a distinção entre as modalidades oral e escrita, considerando-se a condição de produção e a condição de uso do discurso. De acordo esta concepção de estilo aqui adotada, o grau de formalidade discursiva está mais em função do estilo e do gênero do que em função das modalidades oral e escrita.

O que determina o nível de formalidade nas duas modalidades são, portanto, o planejamento, que pode ir do menos tenso (linguagem escrita descuidada, fugindo às regras da gramática e conversa não-formal, não-

elaborada) até o mais tenso (linguagem literária, depoimentos oficiais, palestras etc.), e o envolvimento entre os interlocutores.

Koch & Jubran & Urbano & Fávero & Marcuschi & Santos & Risso (1990) promoveram uma análise das discontinuidades presentes no fluxo de informação no discurso oral dialogado, evidenciando que há, na fala, uma forte tendência a explicitar os processos da criação oral e que as características do discurso não-planejado refletem o envolvimento entre os interlocutores.

Consoante Chafe (1979), o envolvimento na fala é criado por uma série de recursos, relacionados a seguir:

1. Recursos pelos quais o falante monitora a forma de comunicação (entonação ascendente e descendente, pausa, parada).
2. Caráter concreto e uso de imagens.
3. Uso de pronome na 1ª pessoa.
4. Ênfase nas ações e nos agentes ao invés de estados e objetos.
5. Uso do discurso direto para envolvimento com o interlocutor.
6. Comunicação do processo mental do falante.
7. Anacolutos, repetições, fragmentação.
8. Ênfase dada a certas partículas: realmente, justamente etc.

A integração, por sua vez, é alcançada na escrita por meio de:

1. Nominalizações;
2. Uso crescente de participípios;
3. Adjetivos atributivos;
4. Frases e série de frases coordenadas entre si.
5. Seqüências de frases propositivas.
6. Orações completivas.
7. Orações relativas.

Cada modalidade de discurso apresenta variações internas determinadas pelo gênero ou objetivo retórico, havendo maior tendência de tensão estilístico-gramatical para a modalidade escrita.

Texto e contexto são codeterminados, sendo que o texto possui certas estruturas obrigatórias, que revelam o contexto de produção. Fillmore (1981) tece distinção entre um aspecto interno e outro externo no processo

de produção discursiva: contextualização externa (mundos nos quais o texto pode ser apropriadamente usado) e contextualização interna (mundos na imaginação do criador e intérpretes do texto). São exemplos típicos de textos escritos os trabalhos formais, de natureza acadêmica, centrados na função referencial. No extremo oposto ao continuum oralidade  $\neg$ ® escrita, os textos que apresentam maior envolvimento são os literários e as propagandas, em que predominam as funções fática e poética da linguagem.

Tannen (1982) baseou-se nos estudos de Ochs (1979) e Chafe (1979) sobre os traços associados à fala informal e ao discurso informal escrito, para proceder a uma rigorosa análise comparativa da versão falada e escrita produzidas pela mesma pessoa. Ressaltou duas dimensões do discurso: a língua falada *versus* a língua escrita, e a relação entre a linguagem literária e a linguagem ordinária. Os resultados da pesquisa de Tannen apontam para uma proximidade entre o discurso oral e o escrito. O texto oral apresenta fragmentação e envolvimento expressos por meio de repetições, circunlóquios, recursos supra-segmentais e paralingüísticos. Por outro lado, o texto escrito apresenta maior integração e distanciamento, em razão de maior envolvimento cognitivo do que propriamente cumplicidade com o texto.

Grande parte dos estudos que analisam as relações entre a língua falada e a língua escrita apontam a contextualização como característica da fala e a descontextualização como característica da escrita (ver Marcuschi, 1994a). Esta contextualização é trivialmente verdadeira se com isto queremos dizer que na fala usamos os gestos, a mímica, o olhar e o contexto físico como fatores integrantes da comunicação e que na escrita a preferência é dada à verbalização.

Marcuschi (1995) aborda a dicotomia oralidade *versus* escrita de uma perspectiva interacional, dentro do continuum textual. O lingüista caracteriza esta perspectiva como *visão interacionista*, cujos fundamentos centrais baseiam-se na percepção. São eles: a relação dialógica no uso; as estratégias lingüísticas; as funções interacionais; o envolvimento e a situacionalidade, e a formulaicidade. Segundo o autor, este modelo tem a vantagem de perceber com maior sistematicidade a língua como um fenômeno dinâmico e ao mesmo tempo estereotipado, voltado para as

atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala. Contudo, padece de um baixo potencial explicativo e descritivo dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua. Em rigor, fogem aos seus interesses. Por isto mesmo, se concebida com a visão variacionista, poderia dar resultados mais seguros e com maior adequação empírica e teórica. Talvez seja este o caminho mais sensato no tratamento das correlações entre formas lingüísticas (dimensão lingüística), contextualidade (dimensão funcional) e interação (dimensão interpessoal) no tratamento das semelhanças e diferenças entre fala e escrita nas atividades de formulação textual-discursiva. Nesta visão interacional, cabem análises de grande relevância que se dedicam a perceber as diversidades das formas textuais produzidas em co-autoria (conversações) e formas textuais em autoria (monólogos), que até certo ponto determinam as preferências básicas em uma das perspectivas da relação fala-escrita. Além disto, há a possibilidade de tratar os fenômenos de compreensão na interação verbal e na interação com o texto escrito, de maneira a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos. Como se observa, esta perspectiva orienta-se em uma linha discursiva e interpretativa.

Em síntese e pelo explanado, a fala e a escrita não constituem pólos distintos. Há características da modalidade oral na escrita e vice-versa. Do mesmo modo como usamos desenhos nos textos escritos, para expressar a oralidade, oralmente expressamos o sinal de aspas e o sinal de parênteses quando nos referimos a algo determinado. A diferença está entre os gêneros e estilos a eles relacionados, que, por sua vez, dependem do objetivo comunicativo do falante.

A língua oral apresenta uma tendência para o discurso não-planejado. Poder-se-ia dizer que o discurso oral é planejado localmente ou que é uma atividade administrada passo-a-passo. Em geral, a conversação inicia-se com o tópico que motivou a interação: se estabelece e se mantém, desde que exista algo sobre o que conversar e a intenção, por parte dos interlocutores, de manter a interação. O rumo do discurso coletivo criado no ato da interação é construído pelos interlocutores, que podem interromper-se, acrescentar fatos, mudar o rumo da conversa e assim por diante. O texto conversacional é o resultado de um trabalho cooperativo.

O texto conversacional apresenta-se pouco elaborado em face da elaboração do texto escrito. Quando se fala, constrói-se o texto oral. De acordo com as reações do interlocutor, repetem-se as informações, muda-se o tom de voz, reformula-se a explicação. Há, por isto, uma tendência a produzir idéias menos complexas, menos refletidas e mais espontâneas do que na escrita.

Embora possa ser reelaborado, o texto escrito ao ser dado como pronto não deixa perceber as marcas da sua elaboração: apresenta-se acabado, coeso, com seqüência temporal. Já o texto falado está sempre em andamento. Esta consideração aponta para a questão do planejamento que, na escrita, vai desde o tema a ser desenvolvido ao planejamento lingüístico. A língua escrita pressupõe a articulação de idéias e de aspectos lingüísticos.

Destarte, a fala-padrão nada mais é do que a simulação da própria escrita, e não a escrita é a transposição da fala (ver Brown, 1981). Este tipo de simulação tem-se aperfeiçoado por meio do que Ong (1982) denominou tecnologia da fala: o telefone, o rádio e a televisão, especialmente, sustentam uma linguagem oral dependente da escrita.

Insiro a linguagem nos contextos interacionais da Internet nesta mesma categoria ongiãna.

### **3. A Internet**

A Internet é um conglomerado de milhares de redes eletrônicas interconectadas, criando um meio global de comunicação. Atualmente, a Internet interliga cerca de cem países distribuídos por todos os continentes e é a maior rede existente. As redes eletrônicas de computadores proporcionam aos seus usuários comunicação a baixo custo e acesso a fontes inesgotáveis de informação. Interconectam pessoas para os mais variados fins e têm contribuído para ampliar e democratizar o acesso à informação, eliminando barreiras como distância, fronteiras e fuso horário.

O embrião da Internet surgiu de uma pequena rede experimental de computadores criada em 1969, Projeto da Advanced Research Projects Agency (Arpa) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA) para permitir a partilha de recursos computacionais, tais como bancos de dados, computadores de alto desempenho e dispo-

sitivos gráficos, entre os pesquisadores e fornecedores contratados pelo Departamento. Logo ela passou a ser usada também como meio de cooperação entre os participantes do Projeto, possibilitando o uso de correio eletrônico (*e-mail*) e transferência de arquivos, entre outros serviços. Em 1980, esta rede experimental foi dividida em outras duas: a Arpanet, para pesquisa civil com fins militares, e a Milnet, com fins exclusivamente militares. A interligação destas redes foi chamada de *Defense Advanced Research Projects Agency Internetwork*, nome que foi abreviado posteriormente para Internet. A expansão dessa nova rede estimulou o surgimento de diversas redes descentralizadas nos EUA, tais como UUCP, CSNET, BITNET, etc.

Segundo informações que obtive de internautas, a Internet surgiu como uma resposta à Guerra Fria. Diversos estudos estratégicos estavam sendo desenvolvidos em universidades situadas em pontos diferentes dos EUA. O exército norte-americano preocupou-se em unir esforços, evitar duplicidade e ter maior eficiência, e a resposta a esta necessidade foi integrar os computadores por meio de uma rede, além da distribuição do banco de informações que possuía em diferentes locais, para evitar o acesso ou a destruição dos dados.

Depois que a União Soviética desapareceu do mapa político do mundo e o mundo comunista ruiu, o governo dos EUA decidiu que não mais necessitaria subsidiar a Internet. Desde então, a Rede passou a ser utilizada por universidades, veículos de comunicação como jornais e revistas, empresas de serviços, para a comercialização de produtos, e assim por diante, e não mais parou de se expandir, rapidamente.

No Brasil, um Comitê Gestor Internet (CGI) cumpre o papel maior de dar diretrizes à implantação deste tipo de redes. Para desempenhar este papel, o CGI estrutura-se em vários subcomitês e recorre a tarefas de apoio de outras organizações, como a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), a Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE)<sup>5</sup>, etc.

A RNP é uma iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) cujo objetivo é implantar uma moderna infra-estrutura de serviços Internet,

---

<sup>5</sup> URL: <[http:// www.ibase.br/](http://www.ibase.br/)>

com abrangência nacional. Até abril de 1995, a atuação da RNP restringia-se a áreas de interesse da comunidade de educação e pesquisa do País.

Lançada oficialmente em 1990, a RNP contou com o apoio das fundações de pesquisa dos estados de São Paulo (FAPESP), Rio de Janeiro (FAPERJ) e Rio Grande do Sul (FAPERGS) e tem sido executada sob a coordenação política e orçamentária do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A iniciativa concluiu, ao longo de 1992-1993, a implantação de uma espinha dorsal de comunicação, que cobriu a maior parte do Brasil, a velocidades mínimas de 9.800 bits por segundo (bps), tendo passado à velocidade de 56.000 bps, em 1998. A implantação de um conjunto de aplicações em diversas áreas de especialização e a execução de atividades de planejamento para o período 1994-1995 lograram a efetiva consolidação da Internet no Brasil.

Em abril de 1995, o Ministério das Comunicações (MC) e o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) decidiram lançar um esforço comum de implantação de uma Rede Internet Global e integrada, abrangendo todo o tipo de uso, surgiram as bases político-estratégicas da Internet-Brasil.

A presença da RNP nos Estados brasileiros foi concebida como resultante da implantação de um conjunto de conexões interestaduais, interligando poucos, inicialmente, com pontos-de-presença nas capitais. Esta arquitetura de linhas de comunicações e equipamentos compõem o que se denomina *espinha dorsal (backbone)* da RNP.

Os estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins têm ponto-de-presença oficial da RNP ou um ponto de acesso operado por alguma instituição local e aberto à comunidade de educação e pesquisa na região. As instituições ou redes estaduais conectadas à RNP, em 1996, foram as primariamente voltadas para a educação, pesquisa e ou gestão governamental. Atualmente, cerca de quatrocentas instituições de ensino e pesquisa do País estão ligadas em rede, incluindo a maioria das universidades e institutos de pesquisa governamentais. A partir desta infra-estrutura, as instituições interessadas poderão implantar as suas redes de serviços para atender grupos de interesse específicos dentro da comunidade de educação e pesquisa.

Segundo estimativas<sup>6</sup>, em 1996, havia mais de dez mil servidores ou “hosts”<sup>7</sup> interligados em rede no Brasil. Adotada a premissa de que cada “host” seja utilizado por seis usuários, o número total de usuários brasileiros ativos em 1996 era sessenta mil, primariamente para uso acadêmico. Em 1999, em virtude da vertiginosa adesão à Internet, estima-se que já sejam cerca de trezentos mil.

### **3. 1 Informações prévias para a compreensão do processo interacional em uma lista de discussões da Internet**

Uma lista de discussões (*mailing-list*) na Internet é proposta geralmente por um ou mais usuários interessados em tópicos específicos e consolida-se quando há um número mínimo de 50 (cinquenta) internautas adeptos. Forma-se, assim, uma *comunidade virtual* ou *comunidade cibernética* – um grupo de internautas, que trocam idéias por correio eletrônico (*e-mail*). Depois, a comunidade vai-se ampliando, conforme novas adesões, ou minando se há deserções da lista. Há programas que gerenciam estas listas – um deles é denominado *Majordomo*. Estes programas coordenam listas de discussões. Mensagens eletrônicas são enviadas a um endereço comum, o do *Majordomo*, por exemplo, e o programa encarrega-se de replicá-las a todos os membros da lista. Há outros procedimentos, como resumos e filtros de mensagens etc.

Os assinantes da lista são livres para opinar sobre a temática proposta, acrescentando dados, concordando ou discordando do anteriormente dito. Um assinante passa a integrar uma discussão, desde que se sinta mobilizado por ela e opine, enviando uma resposta à comunidade cibernética em geral, por uma mensagem eletrônica (também denominada *e-mail*) pública. Assim sendo, em uma lista de discussões em que há cerca de quinhentos assinantes espera-se que ao menos cinquenta usuários (dez por cento) respondam a quem iniciou a discussão, pública ou privadamente.

---

<sup>6</sup> Informações veiculadas pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP), no Guia do usuário Internet, à URL: <<http://www.rnp.br>>

<sup>7</sup> host: computador ligado à Internet.

Paralelamente ao processo público, geral, de interação, ocorre um processo particular de interação. Deste modo, podem-se criar discussões paralelas, por meio de mensagens privadas (*private e-mails*), também denominadas *e-mails em off*. Todas as mensagens privadas possuem caráter confidencial.

Uma lista de discussões pode ser moderada ou não. É moderada, quando há regras prévias a serem respeitadas e há censura, para garantir a integridade dos computadores e o bom nível da linguagem. Tecnicamente, em uma lista moderada, todas as mensagens passam pelo crivo de um moderador antes de serem distribuídas aos seus membros. Normalmente, há um estatuto a ser respeitado e, caso algum assinante o infrinja, há penalidades, como a suspensão e ou a expulsão do membro infrator.

A discussão pode ser de curta, média, ou longa duração, ou pode não acontecer, caso ninguém se interesse pelo tópico em pauta.

### **3. 2 A Lista de Discussões *Arial-net***

A *Arial-net* é uma lista não-moderada de discussões de brasileiros e de distribuição de mensagens eletrônicas, reunindo estudantes em acadêmicas cursando mestrado, doutorado e pós-doutorado, pesquisadores, professores e outros profissionais diversos, nos cinco continentes. Os tópicos, salvo raras exceções, referem-se ao Brasil, tais como política, ciência, esportes, informações diversas, piadas, notícias etc. Integram a *Arial-net* cerca de 2.000 (dois mil) assinantes em consonância com informações veiculadas pelo responsável (*owner*) da lista.

### **4. A pesquisa interacional mediada pelo computador**

Passsei a assinar a *Arial-net* em início de novembro de 1995 e permaneci cerca de dois meses como observadora do processo, sem qualquer manifestação da minha parte, como recomendado por gerentes de listas de discussão. Apenas os coordenadores da *Arial-net* estavam a par da minha presença na comunidade. Este foi um fato relevante para mim, como pesquisadora. Sendo eu brasileira e integrante da cultura geral daquela comunidade virtual, restava-me adquirir a postura êmica no que concernia às normas, à linguagem ali utilizada e aos sentidos ali negociados. Mantive-me, pois, como observadora do processo.

Comecei a integrar as discussões, em janeiro de 1996, tornando-me membro partícipe daquela comunidade virtual, desde então até hoje em dia. Rapidamente, caracterizou-se um processo interativo, colaborativo e amistoso entre mim e os internautas – o que me proporcionou integração ao universo particular *Arial-net*.

Conectava a Internet via linha discada (da residência do internauta), diariamente, três ou mais vezes por dia, mesmo em finais de semana e feriados, para interagir com os assinantes da *Arial-net*. Aos meus informantes sempre emiti uma resposta (*feed-back*) e com eles troquei idéias não-somente sobre a pesquisa como sobre a Internet, o que me possibilitou um rápido aprendizado.

#### **4. 1 O processo interacional na Lista de Discussões *Arial-net***

O processo interacional na *Arial-net* – por mim denominada *Avenida Virtual* – é muito semelhante ao processo interacional em que as pessoas estão presentes, ao vivo, em uma sala de visitas, ou à mesa de um bar. Os próprios assinantes da *Arial-net* intitulam-se *barneteiros*, por considerarem a *Arial-net*, reduto virtual da Internet, um *bar*, genuinamente brasileiro, onde se encontram para trocar idéias.

A interação dá-se, inicialmente, pela proposição de um tópico a ser discutido, em razão da preocupação ou do interesse de algum membro da Lista. Na discussão, cada um procura impor a sua posição pessoal, gerando uma forma competitiva de diálogo, caracterizando uma discussão pública (ver Marcuschi, 1994). Esta é uma forma de interação tipicamente conversacional.

Ressalvo que utilizo o termo conversação como definido em Marcuschi (1986: 15), no sentido de uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam a sua atenção visual e cognitiva para um interesse comum.

#### **4. 2 O discurso na Lista de Discussões *Arial-net***

Os internautas, em geral, possuem um código próprio e os integrantes da Comunidade Virtual *Arial-net* possuem sentidos negociados. Um deles é o sentido do vocábulo *privat*. Um determinado barneteiro, que não conhecia bem

a língua inglesa, expressava-se de modo errado ao escrever a expressão *in private*, usando-a *en privat*. Como este internauta possui uma personalidade excêntrica, os membros mais atuantes nas discussões passaram a usar este vocábulo, quando queriam fazer-lhe menção, ou mesmo por uma questão lúdica. Este sentido foi negociado durante uma discussão acalorada (*flame-war*), em 1996, e permanece sendo usado, mesmo depois da evasão deste membro da lista, até a presente data, janeiro de 1999. Se algum internauta disser, por exemplo, “Z se parece com o Privat”, todos entenderão que Z possui características semelhantes ao internauta excêntrico, por uma relação pragmática.

Outro sentido negociado é o lexema *FRA*. Um internauta paulista e economista, no Chile, denominou a *Arial-net* “Fraternidade em FRA Sustentado Maior”. Em seguida, os internautas passaram a usar tal expressão para expressar sentimentos amistosos.

A comunicação na *Arial-net* é espontânea, especialmente porque a lista não é moderada. Por isto, ocorrem desagравos (*flames*), brigas e acaloradas discussões virtuais (*flame-wars*), freqüentemente e em grande escala. A meu ver, isto se deve à mediação do computador, porque os interagentes não sofrem as conseqüências da sua espontaneidade, do mesmo modo como nas interações face-a-face. O processo natural de preservação das faces sofre, indubitavelmente, um relaxamento nas interações mediadas pelo computador. Por isto, muitos internautas manifestam-se de modo hostil, impondo as suas opiniões, gerando discussões acaloradas.

Na *Arial-net*, alguns usuários oscilam o seu discurso: ora geram enquadres formais, ora geram enquadres lúdicos e informais, posicionando-se em pólos de formalidade contrastantes. Percebe-se nitidamente, pelo discurso, o alto grau de letramento dos internautas membros, em geral.

O estilo ou registro, na Comunidade Virtual *Arial-net* é o informal, embora algumas vezes, para caracterizar descontentamento, apresente-se semi-formal. A condição de produção do discurso dos barneteiros é a escrita, mas o seu uso revela características tanto da modalidade escrita, como da modalidade oral.

No discurso dos membros da *Arial-net*, encontram-se traços de fragmentação e de alto grau de envolvimento entre os interagentes, como asseveraram os seus textos; o nível de formalidade é pouco tenso. O uso de *emoticons*, ou *smileys*, código que revela o contexto cinésico (ver apêndice), é usado de modo sistemático.

Diante das evidências de que o discurso dos internautas que integram a Lista de Discussões *Arial-net* possui características tanto de discurso oral, espontâneo, como de discurso escrito, formal, procedi a uma análise interacionista preliminar em textos de barneteiros, utilizando as categorias próprias da análise da conversação, enveredando por um universo ainda inexplorado.

#### **4. 3 Os textos para análise**

A coleta de dados em uma lista de discussões da Internet proporcionou-me um outro tipo de fonte: o texto pronto, sem necessidade de transcrição. Os textos gerais, endereçados a todos os membros da Comunidade Virtual *Arial-net* são de grande valor para a análise de situações conversacionais interacionais, de um novo ponto-de-vista. Apesar de serem textos escritos, são considerados falas (*free speech*), pelos usuários da Rede. Coletei quarenta e seis textos na lista de discussões *Arial-net*.

#### **4. 4 A amostra de interação**

A amostra de interação analisada é um recorte<sup>8</sup>, que caracteriza uma longa e acalorada discussão, semelhante às que se processam oralmente, em conversações simétricas entre companheiros. O tópico é a manutenção ou não da postagem, para todos os membros da Comunidade Virtual *Arial-net*, de sinopses de notícias brasileiras, veiculadas nos jornais mais importantes do Brasil. Estas sinopses são extensas e ocupam muito espaço nas caixas postais eletrônicas (*mailboxes*)<sup>9</sup>. Têm sido enviadas há cerca de um ano para todos os membros da lista e, pelo que pude perceber, pelas seguintes razões: funcionam como curinga, para movimentar a lista, quando há um esfriamento de discussões; são um chamariz de membros para aquela co-

---

<sup>8</sup> Os recortes das discussões foram demarcados pelo uso de provérbios e outras expressões populares brasileiras. Foram acrescentados os acentos gráficos do português do Brasil nos textos, pois na Internet, muitas vezes, não se pode usar acentos gráficos, em virtude de a maioria dos computadores só ler caracteres ASCII simples.

<sup>9</sup> Todos os termos específicos usados na Internet estão traduzidos do inglês para o português do Brasil e arrolados em Vellasco (1996b: 337-358, Apêndice 2).

munidade virtual, porque mantêm os brasileiros no exterior, que não sabem da existência de uma lista específica de notícias do Brasil, informados sobre o que acontece no País, e, muitos brasileiros no estrangeiro, que não participam das discussões na *Arial-net*, assinam a lista justamente devido às notícias ali veiculadas.

## 5. A Análise

### 5. 1 Trecho 1

Data e horário em que Roberto X expediu uma mensagem eletrônica aos membros da *Arial-net*: Às 20 horas e 25 minutos, de 15 de março de 1996, fuso horário -3<sup>10</sup>, Roberto X (doravante RX) escreveu:

1-RX: Alô, pessoal,

2-RX: Eu não vejo qual é o grande incômodo de se receber essas notícias.

3-RX: Se vcs não querem ler as sinopses, simplesmente não leiam, deletem.

4-RX: Pra que serve a tecla Del?

5-RX: Mais egoístas são os que querem banir o \*news\* do que os que querem saber o que se passa no Brasil...

6-RX: ;-)

7-RX: Abraços,

8-RX: Roberto X

RX, tendo assinado a *Arial-net* havia apenas uma semana, tomou ciência dos questionamentos de internautas sobre a manutenção ou não de longas sinopses de notícias na *Arial-net* de modo superficial e dirigiu-se a todos os assinantes da Lista, por meio de um e-mail geral, proferindo a sua opinião sobre o assunto.

RX tomou o turno e dirigiu-se aos internautas, por meio do vocativo coloquial “Alô Pessoal” [1-RX], próprio da linguagem oral. Em [2-RX] encontramos a omissão do referente e o apoio do “falante” no contexto anterior.

---

<sup>10</sup> O fuso horário -3 é o da maior parte dos Estados do Brasil e o oficial de Brasília, a capital.

Em [3-RX] encontramos a abreviatura do vocábulo vocês por “vcs”, marca denotativa de pressa e informalidade.

Em [4-RX], encontra-se a forma *pra*, da preposição *para*, com a queda da vogal tônica da primeira sílaba, expressão característica da fala informal do Brasil (ver Vellasco, 1998). A pergunta retórica “Pra que serve a tecla Del?” é também uma característica da fala. Formular questões retóricas, perguntar sem a intenção de obter uma resposta é quebrar a condição de sinceridade nas perguntas (ver Grice, 1975); é também um ato de fala indireto (ver Austin, 1990; Searle, 1975; Vellasco, 1996b), no caso, uma estratégia de interação oral.

As pessoas geralmente geram enquadres de ofensa devido a falhas de informação ou por não compreenderem as pistas de contextualização (ou dicas) dos interlocutores (ver Brown & Levinson, 1978). As pessoas inferem de acordo com o seu conhecimento sociocultural acumulado, em razão dos seus esquemas cognitivos (ver Drew & Heritage, 1992). Quando os padrões se chocam, há uma ruptura interacional.

Em [5-RX] há uma nova referência ao contexto anterior, cuja relação semântica é obscura a quem não acompanhava a discussão.

Em [6-RX] RX lança mão de um *emoticon* ou *smiley*;-) de piscada de olho. Aqui, estamos novamente diante de uma estratégia de oralidade, de um marcador conversacional supra-segmental (ver Brown & Levinson, 1978; Chafe, 1979; Marcuschi, 1986; Koch, 1995; Vellasco, 1996b), que evidencia o contexto cinésico.

Em [7-8-RX] RX despediu-se dos barneteiros, enviando abraços a todos os membros da Comunidade Virtual *Arial-net* e assinando o nome, em uma característica típica da escrita.

## 5. 2 Trecho 2

Data e horário em que Roberto Y expediu a sua resposta a Roberto X: Às 20 horas e 40 minutos, de 15 de março de 1996, fuso horário -3, Roberto Y (doravante RY) escreveu:

1-RY: Mais um que pegou o bonde andando...

2-RY: Humm...

- 3-RY: Nem vou responder à altura, embora devesse, pois é um xará meu, portanto gente fina. :-)
- 4-RY: Mesmo assim, vou aproveitar a deixa para passar o seguinte recado:  
Não existe a Bras-notícias???
- 5-RY: E-x-i-s-t-e.
- 6-RY: EXISTE!
- 7-RY: Quem quer água vai ao poço, quem quer notícias vai à Bras-notícias.
- 8-RY: Preciso dizer mais?
- 9-RY: Não, o óbvio, diz por si.
- 10-RY: Abraços tipo “como tem gente que gosta de complicar as coisas simples”,
- 11-RY: Roberto Y

RY tomou o turno, a partir da “fala” de RX, e dirigiu-se ao grupo de internautas do mesmo modo como faria em uma situação de interação verbal característica do discurso oral dialogado. RY usa o estilo coloquial.

Em [1-RY] estamos diante do uso de uma frase proverbial caracterizando a dimensão concreta e o uso de imagens, que Chafe (1979) apresenta como estratégia de envolvimento na fala.

Ao proferir “Humm...” [2-RY], RY emitiu uma hesitação, um marcador de oralidade (ver Brown & Levinson 1978).

Em [3-RY], RY usa a linguagem dos jovens “xará” e “gente fina”, em dialeto coloquial brasileiro, e o *emoticon* para sorriso :-). O sorriso é um universal das interações face-a-face, para disposição amistosa.

Em seguida, RY formulou uma pergunta retórica [4-RY], também característica da fala. Criticou a falta de informação de RX, por meio de atos de fala indiretos (ver Brown & Levinson, 1978; Austin, 1990; Searle, 1975; Koch, 1995; Vellasco, 1996b) alertando-o de que existe a Lista Bras-notícias. Questões retóricas, como anteriormente mencionado, geralmente são usadas para fazer afirmações e para comandar (ver Brown & Levinson, 1978). Fazer uma pergunta sem a intenção de obter uma resposta é quebrar a condição de sinceridade nas perguntas e uma infração da máxima griceana da qualidade (ver Vellasco, 1996b). O enquadre normativo-ofensivo é intensificado pelos três pontos de interrogação, que funcionam como marcadores conversacionais de grave aborrecimento.

RY gritou “e-x-i-s-t-e” [5-RY], respondendo ele mesmo à pergunta retórica que proferira. E gritou mais forte: “EXISTE!” [6-RY], intensificando o grito com o ponto de exclamação. Este fenômeno é claramente um recurso da oralidade, da conversação, e tem o mesmo efeito agressivo do grito na interação face-a-face. Aqui fica evidenciado mais um sentido negociado na Comunidade Virtual *Arial-net*.

Em [7-RY], RY lançou mão da sabedoria tradicional oral, ao usar o provérbio [7-RY], em mais uma estratégia conversacional. Com a citação do provérbio, ocorreu uma mudança de código (*code-switching*; ver Saville-Troike, 1982; Vellasco, 1996b; Bortoni-Ricardo, 1998a). RY assumiu a força pragmática do provérbio. A metáfora *quem quer água vai ao poço* significa *quem quer algo deve ir onde se encontra disponível aquele algo que deseja*. RY parafra-seou o provérbio, com um pseudoprovérbio (ver Vellasco, 1996b), para as sinopses de notícias brasileiras, que são endereçadas aos assinantes da Bras-notícias. Aqui, fica também evidenciado que os provérbios são utilizados como uma justificativa, em uma atitude de preservação de face (ver Goffman, 1972; Brown & Levinson, 1978; Vellasco, 1996b), para evitar comprometimentos de ordem pessoal. Ao citar o provérbio, RY infringiu a máxima griceana de modo (ver Grice, 1975; Vellasco, 1996b) – evite a obscuridade, seja claro –, em razão do provérbio ser uma generalização. Aqui, evidencia-se que a conotação pretendida pelo falante é indireta e que os provérbios são atos de fala indiretos e empregados em estratégias de oralidade.

RY formulou outra pergunta retórica [8-RY], característica do discurso oral. E novamente respondeu-a [9-RY].

RY despediu-se [10-RY] em modo característico da linguagem escrita.

Os turnos de RX e RY formam um *par adjacente* (ver Drew & Heritage, 1992), que *denomino par adjacente macro* (ver Vellasco, 1996b), pelo caráter macro do par pergunta-resposta.

### 5. 3 Trecho 3

Data e horário em que Sérgio expediu a sua mensagem eletrônica em resposta a Roberto Y: Às 21 horas, de 15 de março de 1996, fuso horário -3, Sérgio (doravante S) escreveu:

1-S: “Não existe a Lista de Notícias??? E-x-i-s-t-e. EXISTE! Quem quer água vai ao poço, quem quer notícias vai à Lista de Notícias (vai

nessa, Ana!). Preciso dizer mais? Não, o obvio, diz por si. Abraços tipo ‘como tem gente que gosta de complicar as coisas simples.’”

2-S: Nem todo mundo tem facilidade de acesso a outras listas e mesmo à WEB..

3-S: Eu não entendo o que machuca tanto nas sinopses....

4-S: Te manca, cara, você tá no Brasil!

5-S: Abre os jornais e liga a TV!

5-S: E nós aqui fora?

S inicia a sua resposta pública a RX, formando um outro *par adjacente macro*, repetindo a mensagem geral que este enviara para os barneteiros. Esta é uma atitude comum nas listas de discussão da Internet, para que se tenha em consideração o que foi dito anteriormente e para esclarecimentos aos que não estavam acompanhando a discussão em pauta.

S não usou o vocativo, característico da linguagem escrita, tendo uma atitude conversacional oral, de discurso oral dialogado.

Em [4-S], ao proferir a frase “Te manca, cara, você tá no Brasil”, expressou-se em linguagem coloquial agressiva e própria da linguagem oral.

Em [5-S] “abre os jornais e liga a TV!” (grifos meus), encontram-se dois imperativos na forma coloquial oral do português do Brasil contemporâneo.

Sérgio encerrou a sua mensagem eletrônica sem se despedir ou assinar o seu nome, apenas cedendo o turno, também característica do discurso oral dialogado.

#### 5. 4 Trecho 4

Data e horário em que Paulo expediu a sua mensagem eletrônica, em resposta a Sérgio: Aos 26 minutos, de 16 de março de 1996, fuso horário -3, Paulo (doravante P) escreveu:

1-P: Ôô, gente boa,

2-P: Com bordoadas dificilmente se chega lá.

3-P: A boa argumentação sem ofensas pessoais deve prevalecer para se conseguir qualquer coisa.

4-P: Juízo e calma todos,

5-P: Paulo

P tomou o turno e envolveu-se na discussão como mediador, em linguagem característica de discurso oral [1-P], usando o discurso direto, característico da oralidade (ver Chafe, 1979).

Em [2-P] encontra-se retratada uma atitude conciliatória generalizada.

Em [3-P] apela aos colegas internautas para terem calma e ponderação nas discussões.

Em [4-P] encontra-se uma fragmentação do discurso (ver Chafe, 1979), característica da linguagem oral.

## 5. 5 Trecho 5

Data e horário em que Sérgio expediu a mensagem eletrônica em resposta a Paulo: À 1 hora e 10 minutos, de 16 de março de 1996, fuso horário -3, Sérgio (doravante S) escreveu:

1-S: Bordoada, cara?

2-S: Não dei bordoada em ninguém!

3-S: Apenas expressei minha frustração com os omissos e incoerentes da Lista, e também, com os critérios duvidosos de avaliação do número necessário de votos válidos pra que sejam retiradas as sinopses da *Arial-net*.

4-S: Para ser sincero, além do Roberto X e de mim, você, Paulo, está sendo a primeira pessoa disposta a levar adiante um plebiscito para decidir essa história das sinopses enormes.

5-S: É uma boa ajuda, mas ainda insuficiente.

6-S: Eu realmente não estava disposto a levantar esta bandeira sozinho, pois percebo a absoluta falta de consciência político-eleitoral dos internautas e sei que uma andorinha só não faz verão...

7-S: O que eu penso e o bom-senso manda é que quem quer notícia assine a Bras-notícias, quem quer discussão fica na *Arial-net*.

8-S: E como também se sabe, como diz o ditado, quando um não quer dois não brigam.

9-S: Por isso, Paulo, não vou mais brigar.

10-S: Abraços tipo recobrando-a-esperança-ufanista, com a certeza que a união é que faz a força. ;-)

11-S: T+ ;-)

S tomou o turno para responder a Paulo publicamente, em uma estratégia de discurso oral dialogado. Em [1-S] encontram-se expressões características da linguagem oral (“bordoada, cara”). S usa o dialeto coloquial, informal.

Em [2-S], o falante justifica a sua atitude a um dos interlocutores, ao mesmo tempo em que se justifica aos demais barneteiros que acompanhavam a discussão.

Em [3-S], S prossegue em sua justificativa, em linguagem semi-formal.

Em seguida, S [4-S] refere-se a dois internautas que, indubitavelmente, acompanhavam a discussão.

Em [5-S] encontra-se uma desqualificação da solidariedade de Paulo, que aderira à decisão de decidir a questão por um plebiscito, alegando ser pouca a contribuição deste colega, também estratégia de oralidade.

Em [6-S], ao citar um provérbio, estratégia conversacional, de discurso oral dialogado, S usa um recurso da fala, do discurso não-planejado (ver Ochs, 1979) e de envolvimento, pelo uso de imagem (ver Chafe, 1979).

Em [7-S], S usa o pronome na 1ª pessoa, fator denotativo de envolvimento na fala, segundo Chafe (1979).

Em [8-S], novamente, S citou um provérbio, característica de oralidade (envolvimento na fala). Neste caso, S prefaciou enfaticamente antes de citar o provérbio, apelando para a sabedoria tradicional, para a verdade consensual, negociando e reforçando o sentido do provérbio pelo preâmbulo.

Em [9-S], S comunica o seu processo mental, também uma característica de envolvimento na fala, consoante Chafe (1979).

Em [10-S], S reforçou o sentido da parêmia e comunicou o seu processo mental, ao afirmar a Paulo: “Por isso, Paulo, não vou mais brigar”.

S despede-se [11-S] por meio de uma série de estratégias de oralidade: usou o emoticon ;- ) piscada de olho; usou também uma abreviatura da expressão característica de interações face-a-face “Até mais ver” (T+), re-

petindo o *emoticon* de piscada de olho, em uma pista contextualizadora de atitude amistosa.

Nesta mensagem eletrônica, evidenciam-se recursos próprios da linguagem oral e a fusão da oralidade com a escrita.

## 5. 6 Trecho 6

Data e horário em que José Luís expediu a sua mensagem eletrônica geral para todos os membros da *Arial-net*: À 1 hora e 25 minutos, de 16 de março de 1996, fuso horário -3, José Luís (doravante JL) escreveu:

1-JL: Amigos do Bar-net

2-JL: Esta discussão sobre o tira-não-tira as notícias daqui me fez lembrar um provérbio famoso que eu sempre ouvia quando era guri:

3-JL: OS INCOMODADOS QUE SE MUDEM.

4-JL: Ora as notícias são muito importantes para nossos conterrâneos e amigos que estão fora do Brasil.

5-JL: Quando eu cheguei aqui neste bar já haviam as notícias.

6-JL: Eu não estou incomodado com as notícias, muito pelo contrario, eu leio todas.

7-JL: Então que fique tudo como está.

8-JL: Os incomodados que se mudem ou fiquem sem incomodar. :-DDD

JL inicia a sua mensagem eletrônica com o vocativo “Amigos do Bar-net” [1-JL], referindo-se à *Arial-net* como a um bar e mantendo o tópico. Em seguida, “grita” [3-JL]. Como anteriormente mencionado, as letras maiúsculas, na linguagem da Internet, significam gritos. Encontra-se aqui mais uma clara evidência de oralidade no *discurso barneteiro*.

Em [8-L], quando JL repete a expressão popular, também estratégia de oralidade, ampliou o contexto oral ao usar o *smiley* de três gargalhadas :-DDD. As gargalhadas funcionam como uma afronta aos interlocutores, do mesmo modo que sonoras gargalhadas irônicas soariam na conversação face-a-face, e constituem mais uma marca de oralidade.

JL não desfecha a sua mensagem eletrônica com as despedidas de praxe no contexto da escrita. O seu texto revela mais uma característica de oralidade, de discurso oral dialogado.

## 5. 7 Trecho 7

Data e horário em que Eduardo expediu a sua mensagem eletrônica em resposta a José Luís: À 1 hora e 40 minutos, de 16 de março de 1996, fuso horário -3, Eduardo (doravante Ed) escreveu:

1-Ed: Alô, alô, Zé Luís,

2-Ed: Seu comentário também me lembrou algo da minha infância.

3-Ed: Era qualquer coisa como BRASIL: AME-O OU DEIXE-O. :-(((

4-Ed: Presta atenção, Zé!

5-Ed: Agora é d-e-m-o-c-r-a-c-i-a, bicho.

6-Ed: VOTA-SE!

Ed tomou o turno e dirigiu-se direta e publicamente a JL. O vocativo [1-Ed] expresso por Ed é típico da linguagem oral.

Em [2-Ed], apoiou-se no contexto imediato e omitiu o referente, o que Chafe (1979) considera recurso de envolvimento na fala.

Em [3-Ed] usou o slogan da ditadura militar instaurada no Brasil, em 1964, “Brasil: ame-o ou deixe-o<sup>11</sup>“, fazendo menção àqueles tempos e correlacionando-o à atitude ditatorial de JL, que empregou a expressão popular “os incomodados que se mudem”. Aqui, Ed lança mão de um sentido negociado na Internet: Ed grita, em uma atitude agressiva, característica da oralidade, atitude que é expressa pelos traços de separação entre os grafemas. Em seguida, usou o *smiley* ou *emoticon* :-(((, que denota expressão severa, lábios crispados, rosto fechado, uma expressão de aborrecimento, de desagrado, enfatizada pelas três bocas travadas, em uma referência tanto à atitude ditatorial de JL, como ao antigo regime ditatorial no Brasil. O emoticon :-((( é um marcador gestual ou cinésico de oralidade e uma

---

<sup>11</sup> A ditadura militar, implantada no Brasil em 1964, plagiou o slogan norte-americano do século XIX “America, love it or leave it”. O intuito dos militares, que tomaram o poder no Brasil, foi o de divulgar amplamente este slogan, por meio de todos os órgãos de comunicação brasileiros, para intimidar aqueles que não estavam satisfeitos com as normas dos ditadores, no sentido de que se retirassem da Pátria.

pista de contextualização: uma pista contextualizadora para os seus interagentes perceberem que estava muito aborrecido. O *smiley*, sempre é bom frisar, é um recurso denotador de oralidade, engendrado pelos internautas, para que a sua comunicação mantenha o caráter de oralidade.

Em [Ed-4], encontra-se uma frase imperativa, também característica de oralidade.

Em [Ed-5], o “falante” repete o sentido negociado na Comunidade Virtual *Arial-net*, que é o separar as letras do vocábulo por hífen, que significa grito pausado, em uma estratégia para retratar a oralidade.

Em [Ed-6], Ed grita mais uma vez, usando uma linguagem coloquial informal e incisiva, e o grito é uma característica contundente de oralidade. Ed cede o turno sem se despedir, como ocorre na conversação face-a-face continuada ou em situações de discussão estressante, em que o falante sai do recinto sem se dirigir aos demais, revelando franco aborrecimento e pouca disposição amistosa. Este tipo de despedida é mais uma característica da fala no discurso internáutico.

Esta mensagem eletrônica possui marcas comprobatórias de que a linguagem internáutica é uma tecnologização da fala e de que a modalidade de discurso na Lista de Discussões *Arial-net* é uma fusão da fala com a escrita.

## **6. Considerações finais**

As análises empíricas realizadas nos textos dos *barneteiros* revelaram que os usuários da Lista de Discussões *Arial-net* interagem de forma cooperativa e organizada. O processo de comunicação efetiva-se de forma semelhante ao da conversação oral, a partir da relação entre falante e interlocutores. Há uma troca conversacional por escrito entre os internautas, uma relação dinâmica, mútua e permeada de esforços cooperativos, que caracterizam uma discussão pública. Os textos dos internautas são contribuições em que fica registrada a participação de cada qual, o que é essencial para que se realizem os propósitos conversacionais. É notório o envolvimento entre os interagentes. Além de a espontaneidade ser uma característica do discurso internáutico, há também uma linguagem específica na Internet, em uma

tentativa de se retratar a oralidade em situações de interação. Há inclusive um código cinésico próprio, para refletir emoções – *emoticons* ou *smileys* (ver apêndice). Os textos evidenciam o uso de códigos particulares e sentidos negociados. No discurso internáutico, não há construções perifrásticas, há o uso de anacolutos, e a informalidade e o envolvimento são fortes características. Percebe-se uma tecnologização da fala, que sustenta uma linguagem oral dependente da escrita. A linguagem na comunidade virtual *Arial-net*, apesar de escrita, retrata a oralidade. O processo de interação nesta lista de discussões da Internet é muito semelhante ao do discurso oral dialogado, no qual se utilizam recursos da fala e da escrita.

Considerando-se a rapidez como se processam as respostas e o envolvimento entre os interagentes, é lícito afirmar que o discurso internáutico é semi-planejado, ou semi-espontâneo, resultando na fusão entre a fala e a escrita.

## Referências Bibliográficas

- Austin, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Trad. D. M. de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- Bakhtin, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- Bakhtin, M. e ou Volochínov, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- Benveniste, E. *Problemas de lingüística geral II*, São Paulo: Pontes, 1989.
- Bortoni, S. M. Problemas de comunicação interdialeto. *Sociolingüística: ensino do vernáculo, Revista Tempo Brasileiro*, 78/79, 1984.
- Bortoni, S. M. To what degree is a speech event feasible? A study of linguistic resources and communicative stress. *D.E.L.T.A.*, 7, (2) : 435-47, 1991.
- Bortoni-Ricardo, S. M. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: Grobe, S. & Zimmermann, K. (orgs.). *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main, Alemanha: TFM, 1998b, pp. 101-118.
- Bortoni-Ricardo, S. M. Code switching in literacy-related events in a bialetolect school. In: Arnold, J. et al. (eds.) *Sociolinguistic Variation, Data, Theory*,

- and Analysis – Selected Papers from NWAWE 23*, CSLI Publications, Stanford University, 1998a, 1996, pp. 377-386.
- Brown, G. Teaching the spoken language. *In: Association Internationale de Linguistique Appliquée*. Brussel, Proceedings II: Lecture (1981 Meeting), 1981, pp. 166-182.
- Brown, P. & Levinson, S. Universals in language usage: politeness phenomena. *In: Goody, E. N. (ed.) Questions and politeness – strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, pp. 56-324.
- Chafe, W. & Tannen, D. The relation between written and spoken language. *Annual Reviews Anthropology*, 16: 383-407, 1987.
- Chafe, W. *Discourse, consciousness and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago, London: The University Press, 1994.
- Chafe, W. The flow of thought and the flow of language. *In: Givón, Talmy (ed.) Syntax and Semantics: discourse and syntax*. Vol. 12, New York: Academic University Press, 1979, pp. 159-181.
- Drew, P. & Heritage, J. Analysing talk at work: an introduction. *In: Drew, P. & Heritage, J. Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, pp: 3-65.
- Ducrot, O. *Dizer e não dizer: princípios de semântica lingüística*. Trad. C. Vogt, R. Ilari, R. A. Figueira. São Paulo: Cultrix, 1972.
- Duranti, A. & Goodwin, C. Rethinking context, an introduction. *In: Duranti, A. & Goodwin, C. (orgs.) Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, pp. 1-42.
- Duranti, A. & Ochs, E. Left-dislocation Italian conversation. *In: Givón, T. (ed.) Syntax and semantics: discourse and syntax*. Vol. 12. New York: Academic University Press, 1979, pp. 377-416.
- Erickson, F. Qualitative methods. *In: Erickson, F. (ed.) Research in teaching and learning*. Vol. 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990, pp: 75-194.
- Figuroa, E. John Gumperz and interactional sociolinguistics – intentionality, interpretation and social meaning. *In: Figuroa, E. Sociolinguistic metatheory*. New York: Elsevier, 1994, pp. 111-142.

- Fillmore, C. Pragmatics and the description of the discourse. In: Cole, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, pp. 143-166.
- Goffman, E. On face work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: Laver, J. & Hutcheson, S. (eds.) *Communication in face-to-face interaction*. Harmondsworth: Penguin, 1972, pp. 319-346.
- Gréssillon, A. & Maingueneau, D. Poliphonie, proverbe et détournement ou Un proverbe peut en cacher un autre. *Langages*, 73 : 112-125, 1994.
- Grice, P. Logic and conversation. In: Cole, P. & Morgan, J. L. (eds.) *Syntax and semantics*. Vol. *Speech acts*. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1975, pp. 41-78.
- Guia do Usuário Internet/Brasil*. Rede Nacional de Pesquisa. URL: <<http://www.rnp.br>>. Coordenação geral, Campinas, SP, e-mail: <[info@hq.rnp.br](mailto:info@hq.rnp.br)>; Núcleo de Coordenação: IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada, Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [info@nc-rj.rnp.br](mailto:info@nc-rj.rnp.br), 1998.
- Gumperz, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- Halliday, M. A. K. & Hasan, R. *Language, context, and text: aspects in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- Hammersley, M. & Atkinson, P. *Ethnography: principles in practice*. London: Routledge, 1983.
- Kato, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- Kindell, G. T. *Guia de análise fonológica*. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- Koch, I. G. V. & Jubran, C. C. A. & Spinardi & Urbano, H. & Fávero, L. L. & Marcuschi, L. A. & Santos, M. do C. O. T. & Risso, M. S. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: Castilho, A. T. (org.) *Gramática do Português falado*, Vol. I: *A ordem*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990, pp. 143-184.
- Koch, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- Leech, G. N. *Principles of pragmatics*. London, New York: Longman, 1983.
- Levinson, S. C. Activity types and language. In: *Analysing talk at work: an introduction in talk at work*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, pp. 66-102.

- Levinson, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- Marcuschi, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- Marcuschi, L. A. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. Texto da conferência apresentada no I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, 14-18 de março de 1994, mimeo.
- Marcuschi, L. A. Oralidade e escrita. Texto da conferência apresentada no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre Linguagem e Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 26-28 de junho de 1995, mimeo.
- Ochs, E. Planned and unplanned discourse. In: Givón, T. (ed.) *Syntax and semantics; discourse and syntax*. New York: Academic University Press, 1979, pp. 51-80.
- Olson, D. R. & Torrance, N. Literacy as a metalinguistic activity. In: *Literacy and orality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 251-269.
- Ong, W. J. *Orality and literacy, the technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.
- Quando dizer é fazer – palavras e ação (1990). Trad. D. M. de Souza Filho. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- Saville-Troike, M. *The ethnography of communication: an introduction*. Oxford: Basil Blackwell, 1982.
- Schiffrin, D. *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- Searle, J. R. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1981.
- Searle, J. R. Indirect speech acts. In: Cole, P. & Morgan, J. L. (eds.) *Syntax and semantics*. Vol. 3, *Speech acts*. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1975, pp. 59-82.
- Tannen, D. Oral and literate strategies in spoken and written narratives. *Language*, 58 (1) : 1-21, 1982.
- Tannen, D. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: Olson, D. & Torrance, N. & Hildyard, A. (eds.), *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*, Cambridge: Cambridge University Press, 1988, pp. 124-47.
- Tannen, D. *Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

- Vellasco, A. M. de M. S. Coletânea de provérbios e outras expressões populares brasileiras. In: Flonta, T. (ed.) *Journal Eletronic De Proverbio, an electronic book publisher*. University of Tasmania, Austrália, Internet, URL: <http://info.utas.edu.au/docs/flonta/DPbooks>, ISBN 1875943099, maio, 1996a.
- Vellasco, A. M. de M. S. *Um estudo dos padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira*. Dissertação de Mestrado, Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1996b.
- Vellasco, A. M. de M. S. Um estudo da variação da preposição *para* no português do Brasil. In: Grobe, S. & Zimmermann, K. (Orgs.) *Substandard e mudança no português brasileiro*. Frankfurt am Main, Alemanha: TFM, 1998, pp. 291-314.

## ANEXO

### EMOTICONS OU SMILEYS

Significado	Emoticons ou Smileys
Aborrecimento, desagrado, tristeza:	:- ( :-< :[ :{ :<
Abrço:	[ ]
Beijos:	:* <> :-***
Chorando:	:~ ( :~-(
Chorando de alegria:	:~)
Furioso:	:-
Gargalhada:	:-D :D   D   )
Gritando:	:-V :O
Incredulidade:	:-C
Indiferença:	:I :-I
Lábios cerrados:	:-X :-x :-#
Língua para fora:	:-P :-r

Magoado:	- {
Piscada de olho:	; -) ; -) ,) ‘ -)
Piscada de olho “diabólica”:	> ; ->
Sorriso “azedo”:	: - 6
Sorriso de internauta canhoto:	(: ( -:
Sorriso de quem não achou graça:	: -
Sorriso irônico:	: I
Sorriso, alegria, aprovação:	: -) :) :] :-> :>